

Sumário

Prefácio	7
1. Era uma vez ...	11
2. Verdadeira e simplesmente uma questão de vontade	15
3. Caminhos de uma educação humanista	45
4. Uma conquista de pais, professores e alunos	95
5. O desafio de uma experiência	113
6. E agora? Eles estão aqui!	135
7. Escola de qualidade para todos	157
8. Um desafio, muitas conquistas!	177
9. Caminhos interrompidos?	195
10. Vivência de inclusão	211
11. Quem tiver que conte outra!	223
Posfácio	241

Em *Caminhos Pedagógicos da Inclusão* Maria Teresa Eglér Mantoan reuniu textos de trabalhos escritos por educadores, sob sua supervisão, conferindo visibilidade ao *modus operandi* em diferentes experiências que, a despeito de momentos diversos, confluem para um único fim: a inclusão.

Em sua trajetória narrativa, constatam-se as marcas da aventura empreendida na busca de consolidar as transformações no âmbito educacional, precisamente no que respeita ao olhar sobre a pessoa com deficiência.

E em se tratando de aventura, evocam-se as peripécias inerentes às estruturas narrativas, aqui consolidadas na construção de um traçado que diz, mais do que um caminhar aventureiro, desbravador! É nele, pois, que as ações têm suas fisionomias delineadas, configuradas e consubstanciadas no sonho de um intento, cujo começo já nasceu fazendo e contando história(s).

Em dez passos, de longas e largas passadas, Mantoan articula pontos cujos nós vão sendo tecidos por vozes que entrelaçam impactos, dúvidas, temores, questionamentos, interferências, desafios, mas que trazem em si o gosto de uma vontade recheada de convicção e certeza de que fazer educação inclusiva (pres)supõe vivenciar o olhar de uma humana visão, reforçando-o na ação coletiva de pais, professores e alunos.

Eis que nesse caminhar se chega ao último capítulo da Obra, quando sua Coordenadora enfatiza a premência da fusão dos sistemas de ensino, preconizando que haja um só norte para a escolarização do povo brasileiro - onde o acesso à escola regular seja assegurado - calcado nos princípios constitucionais que consagram a tão falada escola para todos. E estimula com a feliz frase QUEM QUISER QUE CONTE OUTRA, o surgimento de outros relatos para o conhecimento público.

Foi assim que me permiti fazer uma incursão por uma experiência nordestina, pessoal. Mergulhando, com afeto maior, na leitura dos textos, revivi emocionada o percurso que trilhei, há dezoito anos, com o grupo inicial da Associação Síndrome de Down do Rio Grande do Norte.

Lembrei que sem preparação “especial” do corpo docente da antiga Casa Escola - mas com a competência indispensável! - vivenciamos uma

real e belíssima escola inclusiva, na ainda pequena Natal dos anos 80!

Os professores eram tão jovens! E tão despojados de preconceitos! Mas isso, aliado ao saber ser professor, foi o bastante.

Ali aprendi, junto com os demais pais, professores e alunos, o verdadeiro sentido da inclusão, quando no Brasil nela ainda não se falava. Construimos o que entendíamos retratar uma convivência justa. Não havia qualquer preocupação com rótulos. Na prática, já vivíamos o princípio da não-discriminação que foi inserido pela Constituição de 1988.

E é dessa época que (re)colho, dentre os muitos acontecidos, dois que demonstram a força da inclusão: o primeiro, o fato de um jovem adolescente - sem a marca de qualquer deficiência - relatar à sua mãe que uma de suas colegas de pré-escola, com síndrome de Down, tinha sido seu primeiro amor... A outra, em momento seguinte ao da pré-escola, quando, no Colégio Imaculada Conceição, jovem com síndrome de Down foi eleita rainha de sua turma, na Semana do Estudante.

Retorno às lembranças e tenho de me conter para não descrevê-las uma a uma... Evoco situações de beleza ímpar, em que o princípio tradicional da igualdade, em nosso ordenamento jurídico, foi exercido da forma a mais competente!

O depois da pré-escola foi igualmente marcante, buscando caminhos para fomentar o crescimento de outras escolas, levando-lhes a consciência da importância da transformação que oportuniza a inclusão. Sementes estão bem plantadas e as marcas da inovação revolucionária desses jovens, com síndrome de Down, são evidentes por onde passaram e passam; o último acesso foi a uma escola pública, em curso de Magistério, onde se inicia um trabalho ao redor de uma aluna com síndrome de Down: quer ser professora!

Assim, a partir desse movimento capitaneado pela associação de pais local, secundado por apoio da OAB/RN, as escolas públicas e privadas do Estado do Rio Grande do Norte, desde os anos 80, começaram a cuidar do tema...

Acredito no potencial de todo ser humano e vejo promissor o futuro quando despontam, em todo o mundo, experiências inclusivas bem-sucedidas, a exemplo das descritas.

Com certeza, anonimamente, outros pais e professores têm desejado, nesse nosso imenso país, uma escolarização sem discriminações, sem contudo se fazer conhecer. O que penso será revertido com a iniciativa da Obra ora apresentada à sociedade em transformação: o Brasil de hoje.

Entender-se que cada grupo social é marcado por aspectos socio-culturais distintos é se compreender, também, o porquê dos caminhos, às vezes, mais complexos. Daí a diversidade dos processos, o que se evidencia em alguns pontos relatados.

Os encantos da inclusão escolar precisam ser democratizados, para que produzam a metamorfose necessária à sua efetivação! Eis o desafio dos movimentos de pais, pois que muitos ainda são os que se quedam à margem das inevitáveis mudanças então em processo.

Tudo isso se pode ler nas dez narrativas que constituem os Caminhos Pedagógicos da Inclusão, das quais nove foram elaboradas por pedagogos de escolas, em sua maioria públicas, tendo em comum vários pontos que retratam o pensamento em uníssono: a busca da inclusão através do oferecimento de uma escola de qualidade, em que todos os alunos sejam incondicionalmente inseridos.

Cumpre registrar que a importância desta Obra é indescritível como veículo multiplicador da tessitura do trabalho dessa valente e brilhante pedagoga, a Professora Doutora Maria Tereza Eglér Mantoan, incansável na trincheira bonita dessa luta por um mundo melhor, que sabiamente instiga: QUEM QUISER QUE CONTE OUTRA!

Natal, agosto de 2001.

Margarida Araújo Seabra de Moura

Advogada/Presidente da Comissão de Direitos da Pessoa com Deficiência.
Membro-Fundador da Associação Síndrome de Down
do Rio Grande do Norte.
Fundadora e ex-Diretora da Federação Brasileira
das Associações de Síndrome de Down.
(Agosto/2001)